

LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO: GRANDES ALIADOS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

REIS, Ellen Cristina Pereira dos,
cristinaellen@uol.com.br

SOUZA, Márcia Fernandes de,
wellinjesus@ig.com.br

ARAUJO, Maria José de Azevedo (Orientadora)
Graduada em Pedagogia, Especialista e Mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professora do Curso de Letras-Português, da Universidade Tiradentes – UNIT
azevedoearaju@bol.com.br

RESUMO:

Neste artigo, procurou-se mostrar as principais causas da deficiência na produção textual e suas possíveis soluções. A leitura é o alicerce para a construção de bons escritores. É a partir dela que vão se abrindo os horizontes e a imaginação, e a criatividade florescem. O gosto pela leitura deve começar em casa. Os pais devem estimular seus filhos ainda quando bebês, contando-lhes histórias e prosseguir até a fase escolar, comprando livros e levando-os à bibliotecas. Assim, a criança irá chegar à escola preparada e estimulada a continuar lendo e, posteriormente, produzindo textos. Na escola, o professor será o responsável pela continuidade e solidificação da leitura e aperfeiçoamento da produção textual, a partir de várias atividades ministradas por ele. Existem diversas atividades que dão excelentes resultados, como: visitas às bibliotecas, escolha de livros pelos próprios alunos, apresentações teatrais, dissertações, seminários, etc. Para reforçar a fundamentação teórica obtida através da pesquisa bibliográfica, realizou-se uma pesquisa de campo nas escolas estaduais Tancredo Neves e Professor Walmir Chagas e na escola particular “Nossa Escola”, onde foram constatadas as dificuldades dos alunos na produção textual e na leitura. Cabe aos pais e, principalmente, aos professores, do ensino fundamental ao superior, a renovação das metodologias dentro e fora da sala de aula, para estimular a leitura e melhorar a produção de textos.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Produção. Renovação.

ABSTRACT:

In this article, sought to show the main causes of disability in producing textual and their possible solutions. The reading is the foundation for the construction of good writers. It is from her that will open the horizons and imagination, and creativity flourish. The taste for reading should begin at home. Parents should encourage their children even when babies, telling them stories and continue to phase in school, buying books and taking them to the library. Thus, the child will come to school prepared and encouraged to continue reading and

then producing texts. At school, the teacher will be responsible for continuity and solidification of reading and improving production textual, from various activities administered by him. Several activities that give excellent results, such as: visits to libraries, choice of books by the students, theatrical presentations, dissertations, seminars, etc. To strengthen the theoretical foundation through a literature search, held up a search of field in state schools Tancredo Neves and Professor Walmir Chagas and the private school Our School, where were found the difficulties of the students in the production and textual reading. It is up to parents and, especially, teachers, teaching fundamental to the top, the renewal of methods inside and outside the classroom, to stimulate better reading and the production of texts.

KEY-WORD: Reading. Production. Renovation

INTRODUÇÃO

Este artigo científico partiu da necessidade de se fazer um levantamento dos problemas encontrados nos jovens aos produzir textos escritos e orais. Com o intuito de ajudar a abrir caminhos e tentar mostrar as soluções para esse problema, o artigo tem como título: “LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO: GRANDES ALIADOS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.”

A maioria das pessoas parece ainda não ter compreendido os enormes benefícios proporcionados pela leitura. Não entende a capacidade de ler e escrever como uma conquista fundamental para o desenvolvimento integral do cidadão e para integrá-lo à sociedade. O analfabetismo, os métodos de aprendizagem baseados no decoreba de signos lingüísticos, a pedagogia do aprender por aprender, entre outros fatores, impedem que se compreenda profundamente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade. Ler significa inteirar-se do mundo, é uma forma de conquistar autonomia, de ver o mundo com “os próprios olhos”. Os letrados não são os únicos capazes de criar e compreender a linguagem, ditar leis, estabelecer normas e valores sociais e culturais.

Objetivou-se analisar as causas da deficiência apresentada por alunos do ensino fundamental na produção de textos; identificar alguns tipos de deficiências: elencar as dificuldades do aluno na construção textual e sugerir uma metodologia mais eficiente para o professor de português.

O presente trabalho se justifica pela necessidade de levantar e analisar as causas, propor ações pedagógicas que possam contribuir para a solução do problema, fornecendo aos pesquisadores e profissionais de educação, elementos para o desenvolvimento de ações que estimulem a produção textual e a implementação de um ensino de qualidade.

O aluno escreve melhor e os erros ortográficos são bem menores quando o professor trabalha de forma adequada com a produção de texto, em sala de aula. Produziu-se uma pesquisa bibliográfica e de campo para obter as informações, os problemas e as melhores soluções para ajudar a acabar com uma deficiência tão prejudicial à vida escolar e acadêmica dos alunos. A educação ideal necessita de bons leitores e produtores de textos.

1. AS CAUSAS DA DEFICIÊNCIA APRESENTADA POR ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO ATO DE PRODUZIR TEXTOS

1.1 O ato de ler vai muito além da escrita

A leitura, seja visual ou sonora, não nos deixa isolados no processo de comunicação. Também envolve a nossa capacidade de ler e compreender o mundo, o tempo, as coisas, as pessoas, os acontecimentos com os quais interagimos. Em qualquer situação, e mais precisamente na escrita, devemos sair da superfície, “abrir os olhos”, acrescentar ao ato de ler algo mais de nós, além do gesto mecânico de decifrar sinais, até mesmo quando esses sinais não estão relacionados com os nossos interesses e expectativas. A esse respeito argumenta FREIRE: “A leitura do mundo procede sempre à leitura da palavra, e a leitura desta, implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE in: MARTINS, 1994, p.10). Aprendemos a ler quando começamos a compreender e dá sentido ao que e a quem nos cerca.

Para reverter o que se classifica de “crise de leitura”, os educadores propõem um grande esforço para estimular o “hábito de ler”. A escola, onde a maioria aprende a ler e escrever, e onde muitos têm talvez sua única oportunidade de contato com o livro, deve ser o ponto de partida desse esforço. A enorme preponderância do livro didático precisa ser revista. Ele inibe, quando deveria incentivar o gosto de ler. Mesmo sendo considerado como “um mal necessário”, diante das deficiências da estrutura do ensino brasileiro, o livro didático não pode bloquear o diálogo entre o professor e o aluno, tirando as oportunidades de leituras efetivas e de se desenvolverem verdadeiros leitores. A mesma restrição é feita quanto à leitura imposta. Infelizmente, persiste em nosso sistema educacional uma formação livresca e defasada em relação à realidade.

Frank Smith, psicolinguísta norte-americano, mostra que os pesquisadores da linguagem entendem a leitura como um processo gradativo no qual o leitor participa, não só decifrando sinais gráficos, mas dando-lhes sentido e compreendendo-os. Portanto, a atuação do leitor no seu contexto social faz-se necessária para o seu desempenho na leitura. Pode-se afirmar que a leitura vai além do texto. Ela começa antes do contato com ele. A sua noção é ampliada englobando vários tipos de linguagem (SMITH in MARTINS, 1994, p.32).

1.2 A falta de leitura é determinante para a deficiência na escrita

Um levantamento do V Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF - 2005) revela a pouca familiaridade dos brasileiros para com os livros e a produção textual. Apenas 25% da população, entre 15 e 64 anos, dominam a escrita e a leitura. Esses, na

definição do INAF, são os alfabetizados funcionais. É, portanto, bastante expressivo o número daqueles que não são capazes de utilizar a leitura e a escrita para situar-se no seu contexto social e utilizar as habilidades para adquirir uma boa qualidade de vida.

O brasileiro não lê, mas seria ingênuo atribuir isso apenas ao vergonhoso analfabetismo do país e/ou à pobreza, porque afinal o livro é caro, etc. Há muitas pessoas que podem ler e não lêem, ou lêem pouco e isso está intimamente associado ao descaso generalizado para com a leitura. E lêem pouco simplesmente porque têm preguiça. Como ironiza Machado de Assis, no começo de *Braz Cubas*, “os brasileiros gostam mesmo das margens largas, textos leves e vinhetas, muitas vinhetas”.

Há ainda a justificativa da falta de tempo. Prefere-se passar até quatro horas, por dia, diante da TV. Se lessem esse número de horas por mês, ou um livro de tamanho razoável, já saberiam o efeito da leitura, o prazer de se situar e situar-se no tempo e no espaço. A melhor formação está para quem se achar disposto a espantar o ócio e enriquecer sua percepção do mundo, através desse maravilhoso instrumento democrático que é o livro.

A falta de gosto pela leitura pode também estar associada ao fato de que muitas pessoas se vêm pressionadas por determinadas circunstâncias onde é preciso ler por obrigação, o que acontece nas salas de aula, quando se tem que ler determinada obra, mesmo sem impulso ou vontade, ou porque precisam receber uma nota. É o que entende Marisa Lajolo ao sustentar que o professor tem um tipo de leitura diferente da que ele acha que deve incentivar seus alunos. Assim, acaba repetindo um autoritarismo histórico com o qual deve ter convivido quando era aluno, criando uma ditadura da leitura. Na sala de aula, o professor acha que os alunos não lêem o suficiente ou então que não lêem o que ele, o professor, gostaria.

Mas, além do desprezo pelos hábitos de leitura, também se constatou uma enorme dificuldade no acesso à informação. Segundo Marisa, o brasileiro não tem acesso ao que gosta de ler. Ela mostrou durante o Congresso do Educador 2004, que recentes pesquisas relativizam a idéia de que o brasileiro não lê. Um levantamento feito em 2004 pela Câmara Brasileira do Livro e pela Ação Educativa (Organização não Governamental) aponta um alto consumo de livro e um expressivo interesse pela leitura, mas apesar do gosto existir, ele acontece a duras penas.

A questão mais grave é o despreparo e a improvisação de quem apresenta e incentiva a leitura entre os jovens: pais, professores e membros da comunidade. Os livros que as pessoas leriam espontaneamente não estão nas prateleiras públicas. Ao invés de escritores nacionais da atualidade, encontram-se disponíveis apenas clássicos e exemplares das letras cultas.

1.3 A influência pelo hábito da leitura começa em casa

Um dos fatores mais importantes no desenvolvimento de uma criança é quando ela consegue ler. Descobre-se um mundo cheio de coisas para decifrar o seu significado, começando pelos anúncios espalhados pela rua, as placas, os produtos nos supermercados, até que se passa a buscar outros caminhos que levem à leitura propriamente dita. Mas, para que isso se desenvolva continuamente é preciso que a criança receba estímulo dos pais e do professor, tanto em casa quanto na escola.

Esses estímulos começam com os pais contando histórias para os filhos, ainda bebês. À medida do crescimento, eles são levados à bibliotecas e ganham livros, tudo visando o desenvolvimento do hábito da leitura. A escola é a continuidade da descoberta do conhecimento. Por isso, deve contribuir muito com o amadurecimento e a evolução do prazer da leitura, a partir da implementação de atividades motivadoras.

A leitura de um livro envolve por completo a criança, desenvolvendo nela a criatividade, a imaginação na criação de imagens, sensações e conceitos presentes nas histórias. A leitura tem de ser um processo prazeroso e espontâneo para que ele nunca acabe. Nesse sentido, a leitura de um livro exige a participação ativa da criança na construção das imagens, sensações e conceitos presentes nas histórias.

Muito mais do que um instrumento de comunicação, a leitura permite trabalhar com o mundo dos símbolos e da fantasia, com aquilo que deve se criado, imaginado e “significado” para que possa existir em meio ao vazio – o que também ocorre com a própria linguagem. A fantasia exerce um papel preponderante no mundo interior da criança.

O letramento é também a capacidade que temos de receber conhecimentos através da leitura da não ficção. Adquirimos conhecimentos quando lemos jornais, mapas, bulas de remédios, retratos, folhetos comerciais e aprendemos a guardar só o que interessa.

Cada disciplina tem a abertura para desenvolver a leitura. Todos os professores – não apenas os de língua portuguesa – têm a responsabilidade de fazer com que os alunos executem essa tarefa.

Além de mapas, documentos e textos restritos a cada matéria, é possível inserir outros tipos de textos presentes no dia-a-dia dos alunos, para que eles não saiam da escola sem saber ler um jornal, por exemplo. Essas leituras são de extrema importância porque colocam a criança dentro da realidade em que vive.

Conclui-se então que a leitura é essencial para a vida do aluno. Tanto o texto de ficção, que o leva a fantasiar seu mundo particular, quanto à leitura de textos de não ficção, que o coloca a par dos acontecimentos do seu mundo real.

1.4 Redação: objetivos, fontes e técnicas do ensino-aprendizagem

O ensino-aprendizagem da redação tem como objetivo último contribuir para a formação da personalidade do aluno, ao passo que enriquece e diversifica a sua linguagem, capacitando-o para melhor compreender, sentir, refletir e julgar.

Há diversas fontes para o aprendizado da linguagem. A primeira encontra-se no ambiente familiar, onde as palavras, através dos atos, da fala, espelham a alma infantil. Essa linguagem precisa ser bem acolhida pelo professor, para que na escola ele se enriqueça cada vez mais através das novas fontes de contato: o próprio professor, os colegas e os textos, principalmente os literários.

A partir da fase da socialização (sete anos), a principal fonte passa a ser a literária, por ser mais ampla e profunda e por conter material expressivo que se amolda às etapas da evolução mental do estudante.

A redação, pela sua própria natureza e o seu caráter artístico, possibilita ao aluno a liberdade de escolha, trabalhar espontaneamente e ser criativo. Além disso, que ele vá revelando ao longo do tempo, através da prática, uma crescente preocupação estética no manuseio da palavra. Como o texto literário já contém a palavra realizada, faz necessário explicá-lo ao aluno, dissociando, pela análise, os recursos lingüísticos empregados pelo autor na criação do contexto, tendo o professor o cuidado de apontar para a imitação aqueles que os jovens estudantes tiverem condições de assimilar. Essa imitação não é nada mais que um trabalho consciente onde serão incorporados procedimentos, técnicas e recursos de expressão, uma tarefa que, longe de ter como finalidade a mera reprodução, tendo esta como instrumento desinibidor, é capaz de despertar um processo psicológico criativo que naturalmente modificará a linguagem do aluno, tornando-a mais expressiva, mais variada, mais amadurecida e, com o tempo, mais original.

É fundamental trabalhar com os alunos as funções da linguagem. Função individual e função social, estando a primeira voltada para o desenvolvimento mental de cada um e para o descobrimento da potencialidade interior. Daí a importância de desenvolver atividades de desinibição, o uso da fantasia e da imaginação; a manifestação das emoções e dos sentimentos, das intuições e das hipóteses; da reflexão e do raciocínio; da análise e da crítica.

A segunda função exercita o emprego de diversos níveis de linguagem e a abordagem de temas sob vários ângulos e perspectivas. É importante que o professor, como todo o esmero e carinho, trabalhe a linguagem com os seus alunos. Os jovens, de modo especial, precisam objetivar uma comunicação rica e fluente, já que a sua inteligência e as qualidades da mente são reveladas através das palavras. E é pela linguagem que hão de encontrar a sua realização social e profissional. ANDRÉ afirma taxativamente: “O Brasil carece de cidadãos que tenham adquirido esse desempenho com a palavra; quando os tiver em grande número será uma nação cultural e economicamente independente” (ANDRÉ, 1991, p.1).

Já dominando as técnicas de redação, a partir da leitura e análise dos textos, e das conversas em grupo, faz-se necessário adquirir novas e variadas expressões de comunicação. Após os alunos terem dominado as técnicas do bem escrever o professor analisará, juntamente com eles, os textos literários, seguindo, naturalmente, o curso dos estilos da época e que os conduzirá a um tesouro inesgotável de novos recursos.

A linguagem escrita tem a sua própria identidade e não provém exclusivamente da linguagem oral. Ao redigir, o indivíduo conta apenas com o significado e a sonoridade das palavras para transmitir conteúdos complexos, estimular a imaginação do leitor, promover a associação de idéias e ativar registros lógicos, sensoriais e emocionais da memória.

O primeiro passo para uma boa redação consiste no domínio da gramática do próprio idioma e do tema central sobre o qual deseja escrever. Também é necessário preocupar-se com a forma que se pretende dar à composição e organizar as idéias sobre o tema, seguindo as regras gramaticais, com um vocabulário adequado e fundamental.

Ler e estudar os grandes mestres do idioma, clássicos e contemporâneos, redigir freqüentemente e ser escrupuloso na correção da composição, retificando o que não saiu bem na primeira tentativa, favorecem no desenvolvimento de um estilo próprio de redação. Ser um bom observador da realidade que se pretende transpor ao texto faz parte de quem pretende comunicar por escrito, um conteúdo, a um público real. A capacidade de observar os dados e apresentá-los de maneira própria e individual é determinada pelo grau de criatividade do escritor.

Para que haja eficácia na transmissão da mensagem é preciso observar o perfil, a faixa etária, o grau de escolaridade e o nível cultural do leitor. Assim, o mesmo tema deve ser apresentado ao público infantil, juvenil e adulto, com a linguagem apropriada. As diferenças vão determinar o vocabulário empregado, a extensão do texto, o nível de complexidade das informações, o enfoque e a condução do tema principal.

Para escrever bem é preciso ter idéias e saber trabalhá-lhas cuidadosamente. Entrevistas com especialistas e leituras a respeito do tema a ser desenvolvido, ajudarão na obtenção de informações e na formação de juízos sobre o assunto. A observação, experiência e reflexão dos fatos fornecerão conhecimento suficiente para a formação de idéias e valores a respeito do mundo circundante. A coesão de uma massa de informações garantirá o aprimoramento da redação.

Na construção de um texto há sutilezas que recomendam o emprego de uma ou palavra de acordo com o que se pretende transmitir. Quanto maior for o domínio do vocabulário, maior será a capacidade de comunicar a vasta gama de sentimentos, percepções que determinado tema ou objeto lhe sugere. Deve-se evitar o uso repetitivo de palavras e expressões, optando-se pela substituição de termos equivalentes.

A obediência ao padrão culto da língua, regido por normas gramaticais, de lingüística e grafia, garante a eficácia da comunicação. Uma frase gramaticalmente incorreta, sintaticamente mal estruturada e grafada com erros, é, antes de tudo, uma mensagem ininteligível, que não atinge o objetivo de transmitir opiniões e idéias do seu autor.

A produção de textos possui algumas atividades prévias, que são:

Leitura do texto: para se fazer uma produção como um resumo, dissertação, baseando-se em um texto ou assunto específico, é preciso que haja uma leitura desse texto ou assunto para que a tarefa seja bem executada.

Conversa com a sala: terminada a leitura, surge um espaço para as falas dos alunos. É o momento que eles têm de se expressar, mostrar o que entendeu do texto, o que ele quis dizer, e transmitir as experiências de vida, transportá-las para o assunto que está sendo abordado. Infelizmente, isso quase não ocorre. O que acontece é só o professor que explica, comenta e dá a interpretação.

Estudo do vocabulário: nos livros didáticos, encontram-se glossários prontos para que o aluno identifique com mais facilidade as palavras que possam lhe causar alguma dúvida. Porém, esse processo de leitura e compreensão do texto acaba impedindo o estudante a ter contato com as palavras no dicionário, podendo assim o estudante de aprender o significado das palavras no texto, procurando sozinho no dicionário.

Produção de texto: é a elaboração propriamente dita do texto, usando as formas já mencionadas. Nota-se, portanto, que com erros e acertos, os professores, de um modo geral, estão tendo acesso às novas concepções sobre o ato de escrever. Mesmo mudando a administração das escolas, continuam assimilando essas metodologias e, se lhes fossem proporcionadas as condições de continuarem as atividades, os trabalhos realizados seriam

muito mais produtivos. Prova disso são os docentes das escolas municipais de São Paulo, integradas ao projeto de interdisciplinaridade, que já estão efetivando um trabalho visando a permanente construção do conhecimento e, conseqüentemente, a um aprimoramento da linguagem oral e escrita, concebendo o próprio educando como um ser capaz de compreender a realidade social e interagir nela.

2. OS TIPOS DE PRODUÇÃO DE TEXTO

Uma produção de texto pode ser feita de várias maneiras:

Narração: há muitas propostas em que se pode inferir que o professor espera e o aluno, provavelmente, vai fazer uma narração. Exemplo: alguns alunos são chamados para o ensaio da quadrilha e, para os que ficam a professora pede que eles escrevam uma história.

Dissertação: quando o professor pede ao aluno que emita sua opinião sobre um determinado assunto, geralmente o resultado é uma dissertação. Exemplo: a professora distribui um texto e pede que os alunos leiam, façam um levantamento dos temas citados, escolham um e produzam a redação.

Relatórios: são produções em que o aluno, após atividades, como visitas a bibliotecas, filmes, passeios, etc, deve produzir um texto relatando a atividade e/ou os conteúdos abordados nas referidas atividades. Exemplo: fazer um relatório sobre o filme assistido.

Resumo: a partir de leituras, explicações, palestras, exposições de tópicos do conteúdo, são produzidos resumos que pretendam desvelar o entendimento do aluno e, ao mesmo tempo, registrar, para recuperação posterior, pelo próprio aluno, os temas estudados. Exemplo: quadro-resumo sobre zona rural e zona urbana, baseado em uma pesquisa feita pelos alunos.

Correspondência: propostas de confecções de bilhetes, convites e cartões. Exemplo: a professora pede para os alunos escreverem uma mensagem para a mamãe, que será anexada ao presente que eles fizerem.

Poesia: a criação de poemas pelos alunos ajuda a aumentar o gosto pela literatura. Exemplo: os alunos fazem uma poesia em virtude do dia dos namorados.

Teatro: produção de peças teatrais e sua posterior apresentação. Exemplo: os alunos criam, produzem o texto com os diálogos e encenam a peça sobre o tema que eles estariam estudando no momento, o texto “bê-á-bá” considerando tipos de linguagem e sinais de pontuação.

Histórias em quadrinhos: produzir o texto, criar personagens, ilustrá-los. Exemplo: fazer uma história em quadrinhos baseada num texto dado.

Jogo: produção de um texto que se destina a um jogo. Exemplo: o professor de educação física solicitou que os alunos criassem e colocassem no papel, um jogo, seguindo alguns critérios pré-estabelecidos por ele. Depois de pronto, cada grupo leu o seu jogo e praticou-o.

Problema: é a proposta de produção de problemas matemáticos realizados pelos próprios alunos, para despertar e perpetuar o gosto pela matemática.

Questão: proposta de elaboração de questões. Exemplo: a partir de um texto, os alunos criam perguntas que podem ser respondidas por eles mesmos ou por seus colegas. Depois, eles fazem um texto com essas perguntas e respostas.

Exposição: é um gênero tipicamente escolar, em que o aluno é solicitado a escrever o que entendeu de um texto ou vídeo. Exemplo: após assistirem ao programa “Alô Vestibulando”, a professora faz perguntas aos alunos sobre o entendimento do vídeo e sobre a simpatia dos alunos pela profissão “Engenharia de Alimentos”. Depois, pede que eles produzam um texto.

3. AS DIFICULDADES NO TRABALHO DO PROFESSOR

A dificuldade da escola em trabalhar a produção de textos e o quanto esta pode ser invisível, mesmo para aqueles que lidam com ela o tempo todo, são alguns dos problemas que ocasionam a precária preparação dos alunos nessa disciplina.

Outros fatores relevantes dessa deficiência são as péssimas condições materiais em que se desenvolve o trabalho, a baixa remuneração dos professores, o não aproveitamento do rico material lingüístico coletado pelas escolas, onde o professor, muitas vezes, ao invés de utilizá-lo, o substitui por textos escolhidos por ele (muitas vezes tirados do livro didático). São esses os textos com os quais os alunos são obrigados a trabalhar.

Os professores então resolveram mudar essa realidade fazendo seminários, participando de congressos e cursos, comprando livros, organizando reuniões e encontros e, principalmente, incorporando ao seu cotidiano de sala de aula o novo discurso em circulação.

No interior desse quadro de reflexões e mudanças, esta foi a mais importante: a questão da passagem do termo redação para a produção de textos.

No sentido que demos ao texto, qualquer que seja a disciplina objeto de nosso ensino-aprendizagem, ele está sempre presente. No sentido que atribuímos à sala de aula

como espaço de interação verbal, aluno e professor confrontam-se por meio de seus textos com saberes e conhecimentos. No sentido atribuído ao sujeito, como herdeiro e produtor de herança cultural, alunos e professores aprendem e ensinam um ao outro com textos, para os quais vão construindo novos contextos e situações, reproduzindo e multiplicando os sentidos em circulação na sociedade.

4. AS TÉCNICAS UTILIZADAS NA PRODUÇÃO DE TEXTOS

4.1 A Oralidade

Constata-se a predominância da oralidade nas atividades da prática pedagógica. Ela emerge em sala de aula de maneira informal (manifestações orais dos alunos). É o momento em que o conteúdo circundante permeia o tema central estudado, configurando um cruzamento de vozes que caracteriza o processo de interação entre professor/aluno, aluno/aluno.

Apesar de haver um discurso entre alunos, em que eles trocam informações entre si, comentam assuntos particulares, enfim, usam a língua segundo suas necessidades reais de comunicação, a oralidade se faz presente de forma mais sistematizada por meio do discurso de professores e alunos em aulas expositivas, debates, seminários, discussões e comentários circunstanciais, de onde podem emergir temas periféricos, isto é, não previstos pelo conteúdo pré-estabelecido. Exemplo: a professora de 5ª série está desenvolvendo o tema sobre a condição de sobrevivência dos rios, particularmente do Tietê, em São Paulo. Ela leva seus alunos para assistirem a uma palestra na companhia de abastecimento sobre tratamento de água. A seguir, ela tem uma conversa informal, permitindo que os alunos manifestem suas vivências em relação ao tema em estudo; distribui um texto sobre a nascente do rio. Após leitura silenciosa, ela faz algumas perguntas que são respondidas oralmente. A partir desses questionamentos, a professora pede que os alunos produzam um texto.

A partir de um tema é possível discutir diversos subtemas relacionados até com outras disciplinas. No exemplo anterior, poder-se-ia debater sobre a história do rio, o seu surgimento e de outros rios, a importância de sua preservação, etc. Mas nem sempre isso acontece. O professor segue somente o que está no conteúdo escolar e, às vezes, o que o aluno gostaria de saber é passado por cima.

4.2 A Escrita

As atividades escolares que envolvem a escrita podem ser inseridas em duas categorias distintas: escrita/reprodução e escrita/produção.

Escrita/reprodução: são todas as atividades de escrita que, embora realizadas pelo aluno, são de tal modo conduzidas em seu processo de produção, que a margem de atuação individual praticamente desaparece.

Os textos produzidos pelos alunos em linguagem escrita, na grande maioria, não passam de respostas pré-determinadas pelos conteúdos sistematizados, quer pelos livros didáticos, quer pelos professores, conteúdos esses que funcionam como um eixo diretivo em sala de aula, estabelecendo implícita ou explicitamente o que deve ser registrado.

As escolas públicas lideram a percentagem de atividades escritas, embora paradoxalmente, registrem o menor número de episódios de escrita/produção. Nelas se escreve muito, mas cria-se pouco.

Escrita/produção: são as atividades de escrita onde o aluno tem a total responsabilidade na sua produção. Ela pode ser feita de duas maneiras: produção sem atividade prévia, que é feita na prática escolar sem nenhuma razão aparente, por não fazerem parte de uma seqüência de atividades com objetivos a que a produção responda. Exemplo: fazer um trabalho para participar de um concurso educacional extraclasse. E a produção com atividade prévia, que é aquela feita com base em algo dado pelo professor. Pode ser uma discussão, uma pesquisa, um trabalho em grupo, entre outros. Essa produção pode e deve ser feita em todas as disciplinas, não só em Língua Portuguesa.

5. AS AÇÕES PEDAGÓGICAS RELEVANTES PARA A VIDA DO ALUNO

Independente dos estímulos que o professor possa proporcionar, a criança tem, naturalmente, uma motivação mágica, imaginária, um grande prazer na leitura e na construção e reprodução de estórias de fadas e de contos maravilhosos. Ela também possui outras necessidades de ordem mais prática, comunicativas ou de registro, que envolvem gêneros dependentes da escrita, tais como bilhetes, as receitas e os registros ou exposições de experiências escolares, a organização de listas ou agendas, etc. Roxane H. Rodrigues Rojo é enfática ao afirmar que a criança é um campo fértil que, explorado de forma criativa e pertinente, produzirá bons frutos. Ressalta que toda intervenção pedagógica, voltada para o desenvolvimento da escrita, precisa levar em conta essa pré-disposição natural da criança, reforçando uma interpretação de VYGOTSKY:

(...) A escrita deve ser relevante à vida (...) deve ter significado para as crianças, uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida. Só então poderemos estar certos de

que ela se desenvolverá não com um hábito de mão e dedos, mas como uma forma nova e complexa de linguagem (VYGOTSKY, 1935. P.134).

Novamente, VYGOTSKY é lembrado quando propõe que o desenvolvimento da habilidade da escrita, na escola, ocorra naturalmente e dentro das necessidades e possibilidades da criança: “Métodos naturais de ensino da leitura e da escrita implicam operações apropriadas sobre o meio ambiente das crianças. Elas devem sentir a necessidade do ler e do escrever no seu brincar” (VYGOTSKY, 1935. P. 134).

Elencamos quatro pontos que poderiam ser considerados para a elaboração de intervenções pedagógicas:

I.A escrita construída em interação com a criança deve ser motivada: relevante para a vida, necessária para a atividade em curso, desejada pela criança.

II. A escrita construída em interação com a criança deve ser uma prática, um uso significativo de leitura e produção de textos, mais do que um ensino ou uma técnica.

III. Como tal, ela deve constituir-se como discurso (texto) significativo, inserido numa situação de produção significativa, formatado num gênero, ao invés de manipular letras, sons e palavras.

IV. Os diversos discursos escritos (gêneros) construídos em interação com a criança devem ser pensados em sua transição, num processo contínuo de construção social.

Na construção da escrita, a criança tem muito mais a aprender do que a letras: uma infinidade de gêneros viabilizados pela escritura se abre à criança quando ela começa a adentrar o mundo da escrita. Uns mais complexos e abstratos do que outros. Cabe ao educador administrar a transição de uma forma de linguagem escrita a outra.

6. OS PCNS E A CONSTRUÇÃO DA COMPETÊNCIA COMUNICATIVA

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apresentam direcionamentos consistentes para que o aluno desenvolva a chamada competência comunicativa. No ensino da Língua Portuguesa, propõe-se que ao longo dos oito anos do ensino fundamental, os alunos devam adquirir, progressivamente, uma competência em relação à linguagem que lhes possibilite resolver problemas da vida cotidiana, ter acesso aos bens culturais e alcançar a participação plena no mundo letrado, como lemos a seguir:

Essa responsabilidade é tanto maior quanto menor for o grau de letramento das comunidades em que vivem os alunos. Considerando os diferentes níveis de conhecimento prévio, cabe à escola promover sua ampliação de forma que, progressivamente, durante os oito anos do ensino fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra

e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações (PCNs, p.19, 1998).

Os PCNs sugerem um direcionamento do ensino a partir da reflexão dos alunos, para se chegar ao conhecimento da linguagem, e não descrever incansavelmente as estruturas disponíveis, saturando os alunos de terminologias, prática que se revelou improdutiva. Há um enorme descompasso entre o que tradicionalmente se ensinou e o que se vê na realidade.

Para os especialistas saber falar e escrever não é o suficiente. É fundamental o domínio da linguagem para uma melhor participação na vida da comunidade. Pelo uso da linguagem, escolhendo as palavras certas para cada tipo de discurso, as pessoas se comunicam, trocam opiniões, têm acesso às informações, protestam e fazem cultura, tornam-se cidadãos:

O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade lingüística, são condições de possibilidade de plena participação social. Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso a informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de contribuir para garantir a todos os alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania (PCNs, p.19, 1998).

Os PCNs orientam na perspectiva da formação de “cabeças pensantes”, alunos que, em todos os ciclos do ensino fundamental, saibam entender e se expressar em diferentes situações. Essa nova concepção procura levar em conta a realidade e os interesses dos próprios alunos, fugindo dos exercícios mecânicos, quase sempre fragmentados de textos, preferindo o trabalho a partir do texto e não de frases soltas. Valoriza-se menos a gramática normativa e utiliza-se o texto literário como um aprendizado em si, e não como expediente para ensinar valores morais e gramaticais, inibindo a descoberta do prazer da leitura.

Não existe mais um único jeito de falar o português (o mais próximo da norma gramatical), mas um respeito pelos diversos falares que nossa língua ganhou em cada região do país e em cada grupo sócio-econômico.

Durante o ciclo fundamental e no ensino da Língua Portuguesa, o aluno deve desenvolver a capacidade de usar a fala de forma competente, escolhendo as palavras certas para cada tipo de discurso. Nos últimos ciclos, o aluno deve trabalhar com o domínio das pausas, a construção de frases claras e concisas, além de perceber a importância dos elementos não verbais, como gestos, expressão facial e postura corporal.

7. O TEXTO COMO UNIDADE E A DIVERSIDADE DE GÊNEROS

Como avaliar as metodologias de ensino aplicadas às aulas de Língua Portuguesa nas escolas contemporâneas? Será que elas persistem nos métodos tradicionais de ensino ou estão levando inovações para as salas de aula? E quanto aos PCNs, será que os estabelecimentos de ensino estão “por dentro” do que orientam tais propostas pedagógicas com relação ao ensino de Língua Portuguesa e de outras disciplinas?

Nessa discussão, iremos especificar e abordar como anda o ensino da língua materna nas escolas de ensino fundamental e verificar quais as maiores dificuldades encontradas pelos professores no ensino da gramática. Os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam para a necessidade de o professor de Língua Portuguesa trabalhar textos de diversos gêneros, mas na maioria das vezes isso não acontece. Os profissionais de ensino alegam dificuldades para implementar esse tipo de ensino. Os PCNs deixam bem claro sobre a importância de se trabalhar diversos tipos de textos, como está explícito nesta passagem:

Nessa perspectiva, é necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõe o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino (PCNs, p.23, 1998).

Vale ressaltar que ao trabalhar a leitura e o debate de diversos tipos de texto, o professor fornecerá aos seus alunos ferramentas para que, futuramente, eles possam refletir, discutir e produzir seus próprios textos orais e escritos, com argumentações coerentes e ligadas com os diversos contextos sociais. Mas, para isso, será preciso promover a seleção de textos conforme orientam os próprios PCNs:

Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada (PCNs, p.24, 1998).

De acordo com a citação acima, os professores de Língua Portuguesa precisam promover a reflexão crítica dos seus alunos, ou seja, torná-los cidadãos reflexivos, questionadores da realidade social e, por conseguinte, ao despertar o pensamento lógico nos jovens, estes terão um rendimento maior quanto à produção de textos.

7.1 textos orais

De acordo com este item, os PCNs apontam para a necessidade de haver, no ambiente da sala de aula, um rico diálogo entre alunos e professor, procurando dessa forma promover a socialização entre eles, acabando com qualquer obstáculo que possa surgir nessa

relação. Além disso, ocorrendo o diálogo freqüente na sala de aula, permite ao aluno a construção do conhecimento, a troca de informações, conforme nos diz esta passagem:

Uma rica interação dialogal na sala de aula, dos alunos entre si e entre o professor e alunos, é uma excelente estratégia de construção do conhecimento, pois permite a troca de informações, o confronto de opiniões, a negociação dos sentidos, a avaliação dos processos pedagógicos em que estão envolvidos (PCNs, p.24, 1998).

7.2 textos escritos

Para boa parte das crianças e dos jovens brasileiros, a escola é o único espaço que pode proporcionar o acesso a textos escritos, textos esses que se converterão, inevitavelmente, em modelos para a produção. Logo, a seleção de textos deve privilegiar textos de gêneros que aparecem com mais freqüência na realidade social e no universo escolar, tais como notícias, editoriais, cartas argumentativas, artigos de divulgação científica, verbetes enciclopédicos, contos, romances, entre outros. A diversidade não deve contemplar apenas a seleção de textos; deve contemplar também a diversidade que acompanha a recepção a que os diversos textos são submetidos nas práticas sociais de leitura.

Dessa forma, o professor de Língua Portuguesa tem por obrigação diversificar os textos escritos que serão trabalhados por seus alunos; deve compreender que, numa sala de aula, existe a diversidade entre seus alunos e, que, portanto, deve variar os textos que serão discutidos nas aulas de português.

8.PESQUISA DE CAMPO

Realizou-se uma pesquisa de campo em três escolas de Aracaju/SE, sendo uma particular e duas estaduais: Nossa Escola (particular) e Escola Municipal Tancredo Neves e Escola Estadual Professor Walmir Chagas. O objetivo foi obter informações, junto a alunos e professores, por meio da aplicação de um questionário, relacionado com o tema deste artigo científico. Os resultados obtidos: 95% dos alunos disseram que têm o hábito de ler; 95% deles gostam de ler revistas; 72% apreciam romances; 50% lêem apenas o livro didático; 29% lêem jornais; 70% informaram que a sua escola tem biblioteca, e 50% disseram que a escola possui sala de leitura; 80% dos alunos freqüentam a biblioteca e a sala de leitura com a turma e 43% freqüentam sozinhos.

Além de visitas à biblioteca e sala de leitura, os alunos desenvolvem outras atividades propostas pelo professor: 36% fazem leitura e apresentação oral de livros; 27% fazem diários; 20% redações; 10% fazem debates e textos sobre temas da atualidade; 7%

desenvolvem leituras e produção de texto; 6% fazem a avaliação do livro exigido pela escola; 6% participam de peças teatrais e 3% realizam resumos.

Questionados sobre o desenvolvimento de textos extraclasse, os alunos apresentaram as seguintes respostas: 31% não produzem; 7% escrevem cartas; 5% textos sobre assuntos atuais; 3% sobre música; 3% monólogos; 3% histórias de ficção; 3% textos no computador; 50% fábulas; 50% histórias em quadrinhos; 3% querem escrever um livro; 3% críticas; 3% textos cômicos; 3% sobre a morte. Estes últimos resultados foram obtidos na escola particular.

Com relação à preferência de temas para a produção de textos em sala de aula, verificou-se que: 22% preferem temas atuais (sociais, políticos, culturais e religiosos); 17% temas românticos; 11% histórias de suas vidas; 10% críticas; 10% aventura; 7% suspense e terror; 5% opiniões; 5% poesias; 3% biografias; 3% temas sentimentais; 3% monólogos; 3% sobre países do mundo; 3% era medieval; 3% ciências; 3% história; 3% amizade; 3% história em quadrinhos; 17% não têm preferência por temas.

Sobre as dificuldades na produção textual, concluiu-se que: 67% têm dificuldades na criatividade e na inspiração; 17% não têm dificuldades; 12% têm dificuldades para iniciar o texto; 3% na coerência e na coesão; 3% na divisão de parágrafos; 3% em fazer um texto pequeno; 5% na falta de informações; 15% na estrutura do texto; 5% em dar nome aos personagens; 15% na pontuação e na grafia correta das palavras; 3% no título e 3% têm todas as dificuldades.

As atividades de leitura, debate e circulação dos textos entre alunos e professores são bastante intensas, visto que, segundo a pesquisa, tem-se: 72% dos textos são lidos, contra 28% não lidos; 70% são debatidos; 30% não adotam essa prática; 58% dos textos têm circulação; 42% não têm circulação.

Indagou-se sobre a importância da leitura e concluiu-se que: 98% dos alunos responderam que a leitura é importante para a aquisição do conhecimento; 29% disseram que leitura é diversão; 15% afirmaram que é para aprender e escrever corretamente; 5% para aprender a falar corretamente; 5% para a aquisição de vocabulário novo; 3% para reflexão; 3% para produzir melhor.

Quando ao incentivo da família, verificou-se o seguinte: 98% dos alunos recebem incentivo dos pais e outros familiares, que os presenteiam com livros; 2% não recebem incentivos em casa.

A pesquisa também foi realizada com os professores das três escolas, com questões referentes ao ensino e incentivo da leitura e produção de textos. Apurou-se que 100% trabalham a leitura com os seus alunos.

Sobre as leituras sugeridas, conclui-se que: 80% sugerem jornais; 95% textos diversos; 95% revistas; 90% textos didáticos; 90% textos literários. 90% dos professores responderam que as leituras propostas têm alguma relação com vivência do aluno; 10% respondem negativamente. Uma nova forma de leitura (visual, corporal, expressiva, via computador, etc) é ministrada por todos os professores. 80% fazem leituras visuais de tudo o que cerca o aluno; 20% trabalham com descrições oral e textual de pinturas.

No trabalho com a leitura, os professores utilizam estratégias e procedimentos visando prazer, o estudo e a informação. Os mais utilizados são a produção textual de poemas e contos; 20% dramatização; 20% ler e contar oralmente a história; 20% ilustrações; 20% informática (intercâmbio com alunos de outros países); 20% gibis; 20% escolha pelo aluno do livro a ser lido.

As respostas dos professores, quando questionados sobre o domínio das ferramentas para a construção e estruturação de um texto por seus alunos, foram: 60% responderam que seus alunos dominam e 40% responderam que não dominam. As ferramentas são: planejamento, redação, revisão e reescrita. Foram aplicados 2 questionários distintos com 60 alunos e 6 professores.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa bibliográfica, por meio da qual foi levantada boa parte das informações contidas neste artigo, foi de enorme importância para a análise das causas da deficiência apresentada por alunos do ensino fundamental no ato de produzir textos. A partir das fontes disponibilizadas, foram identificados diversos tipos de deficiência, as dificuldades dos alunos no processo de construção do texto, além das metodologias mais eficientes para o trabalho do professor de Língua Portuguesa.

O material consultado permitiu a formulação de melhores respostas para questionamentos como; por que produzir textos sempre foi um dos maiores dilemas dos alunos? Por que a redação é uma das disciplinas mais temidas e ao mesmo tempo um das mais odiadas pelos jovens? Quais os fatores que determinam essa rejeição? Os educadores estão preparados para lidar com esse tipo de rejeição e promover a estimulação da produção de textos entre os adolescentes? As respostas certamente vão contribuir para uma melhor

preparação dos atuais e futuros profissionais de educação, especialmente os de Língua Portuguesa.

Entre todas as fontes consultadas – livros, revistas, artigos científicos e documentos diversos – a que mais contribuiu no desenvolvimento da pesquisa foi o conjunto de orientações dispostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Deles, foram extraídos os subsídios para a elaboração e reelaboração do currículo, tendo em vista um projeto pedagógico focado na construção da competência comunicativa do aluno.

Ficaram evidenciadas algumas dificuldades nas escolas, principalmente nas públicas, como a ausência de professores de Língua Portuguesa e irregularidades na organização escolar, caso da Escola Estadual Professor Waldir Chagas. Nessa instituição também foi constatada a dificuldade dos alunos para responderem às perguntas formuladas.

Concluiu-se que a maioria dos estudantes lê, ainda que algum tipo de leitura informal, como revistas e romances. Dentro da escola a prática da leitura deixa muito a desejar. Uma das causas é a desatualização do acervo das bibliotecas, o que resulta na baixa frequência dos alunos nesse valioso ambiente de leitura. Praticamente inexistem atividades pedagógicas prevendo a utilização da biblioteca. Em alguns casos existe até a proibição do acesso a esse espaço.

Os textos produzidos pelos alunos, na maioria das vezes, são produções espontâneas realizadas fora da escola, mas conforme o resultado das pesquisas, também são feitas produções a partir da solicitação da professora, em sala de aula.

Na escola particular, a leitura e a produção de texto são trabalhadas com mais eficiência, com resultados bem satisfatórios. O método adotado pela “Nossa Escola, o construtivismo/interacionismo, favorece um maior desenvolvimento da capacidade comunicativa dos alunos, como foi constatado nas pesquisas realizadas nesse estabelecimento.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais oferecem excelentes direcionamentos ao professor de Língua Portuguesa, que poderiam ser utilizados especialmente pela escola pública, onde se observa uma maior resistência às inovações.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Hildebrando A. DE. **Curso de Redação**. 3.ed. São Paulo: Moderna, 1991. P.1-2.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília. 1998.

CHIAPPINI, Lígia. **Ensinar e aprender com textos**. GERALDI, J. Wanderley; CITELLI, Beatriz (coords). 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Ensinar e aprender com textos**. In: AZEVEDO, Claudinéia B.; TARDELLI, Mentete B. **Escrevendo e falando na sala de aula**. Ed. São Paulo: Cortez, 2001. P 25-47.

_____. **Ensinar e aprender com textos**. In: SERCUNTES, Maria Madalena J. **Ensinando a escrever**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001. P. 84-96.

DELY, PAULA. Leitura e educação. **Portal Educacional**. 10/11/2001. Disponível em: http://educacional.com.br/falecom/psicologa_bd.asp?codtexto=557. Acesso em 10/03/06.

LAJOLO, Marisa. In. ACHCAR, Tatiana. Não lê porque, por que não lê? **Revista Nova Escola**, São Paulo, Maio de 2004. Disponível em: HTTP://novaescola.abril.com.br/index.htm?noticias/mai_04_19/index. Acesso em maio de 2006.

LUFT, Celso Pedro. **Novo manual de português: técnicas redacionais**. Nova edição. São Paulo: Globo. 1995, p.427.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. P. 9-33.

NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. **Macropédia: redação**. São Paulo: Enciclopédia Britânica do Brasil Publicações, vol. 12, 2000. P.237.

VYGOTSK, L.S (1933). **El problema de la consciência**. In: ALVAREZ, A., DEL RIO, P (Eds). *Obras escogidas*. Madrid: Visor, (s.d).p. 119-132.